

Honoré de Balzac  
O coronel Chabert

*Tradução de*  
EDUARDO BRANDÃO



PENGUIN

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Penguin-Companhia das Letras

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association  
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
Le Colonel Chabert

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA  
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO  
Silvana Afram

REVISÃO  
Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Balzac, Honoré de, 1799-1850.

O coronel Chabert / Honoré de Balzac; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Título original: Le Colonel Chabert  
ISBN 978-85-63560-74-2

1. Ficção francesa I. Título

13-07807

CDD 843

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura francesa 843

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

— Ora, ora! Lá vem de novo o capote velho!

Essa exclamação escapava de um escriturário do tipo daqueles que nos escritórios de advocacia chamam de pula-brejo e que naquele momento mordida com apetite um pedaço de pão; separou um pouco de miolo para fazer uma bolinha que atirou zombeteiramente pela abertura de uma janela na qual estava encostado. Bem mirada, a bolinha ressaltou quase até a altura dos caixilhos, depois de ter acertado o chapéu de um desconhecido que atravessava o pátio interno de um edifício situado na rue Vivienne, onde residia o advogado Derville.

— O que é isso, Simonnin, não brinque com os outros, senão ponho você no olho da rua. Por mais pobre que seja, um cliente é sempre um homem, que diabo! — disse o escriturário principal, interrompendo a soma de uma nota de despesas.

Geralmente, um pula-brejo é, como Simonnin, um garoto de treze a catorze anos, que em todos os escritórios de advocacia se encontra sob a dominação especial do escriturário principal, de cujos pequenos serviços e recados amorosos se encarrega quando vai levar os ofícios aos meirinhos e as petições ao Palácio de Justiça. Ele tem a ver com os meninos de rua parisienses por seus modos e com a chicana por seu destino. É um garoto quase sempre implacável, irrefreável, indisciplinável, fazedor de rimas

indecentes, trocista, ávido e preguiçoso. Apesar disso, todos esses pequenos auxiliares têm uma mãe velha que mora num quinto andar, com a qual compartilham os trinta ou quarenta francos que recebem por mês.

— Se é um homem, por que então o senhor o chama de capote velho? — disse Simonnin, fazendo a cara do estudante que pega o professor em erro.

Voltou a comer o pão e o queijo encostando o ombro no montante da janela, pois ele descansava de pé, como os cavalos dos cabriolés, uma das pernas erguida e apoiada na outra pela ponta do sapato.

— Que peça poderíamos pregar nesse sujeito? — disse em voz baixa o terceiro escriturário, chamado Godeschal, parando no meio de um raciocínio que elaborava numa petição minutada pelo quarto escriturário e cujas cópias eram feitas por dois novatos vindos da província. Depois continuou seu improviso:

— ... Mas, em sua nobre e benevolente sabedoria, Sua Majestade, Luís Dezoito (escreva por extenso, ouviu, ó sábio Desroches, pois que redige o original!), a alta missão a que é convocada pela Divina Providência!..... (ponto de exclamação e seis pontinhos: no Palácio são pios o bastante para perdoá-los), e seu primeiro pensamento foi, como prova a data do decreto abaixo citado, reparar os infortúnios causados pelos terríveis e tristes desastres de nossos tempos revolucionários, restituindo a seus fiéis e numerosos servidores (numerosos é uma lisonja que deve agradar ao Palácio) todos os seus bens não vendidos, quer se encontrassem no domínio público, quer se encontrassem no domínio ordinário ou extraordinário da Coroa, quer enfim se encontrassem nas dotações de estabelecimentos públicos, porque somos e nos pretendemos capazes de sustentar que é esse o espírito e o sentido do célebre e tão leal decreto promulgado em...

— Esperem — disse Godeschal aos três escriturários. — Essa frase celerada encheu o fim da minha página. Bom —

proseguiu, molhando com a língua o verso do fólio a fim de poder virar a página espessa de seu papel timbrado —, se quiserem lhe pregar uma partida, digam que o senhor Derville só pode falar com seus clientes entre as duas e as três da manhã: veremos se esse velho malfeitor vai aparecer!

E Godeschal retomou a frase iniciada:

— ... *promulgado em...* Estão prontos?

— Sim! — exclamaram os três copistas.

Tudo avançava ao mesmo tempo, a petição, a conversa e a conspiração.

— *Promulgado em...* Ei, senhor Boucard, qual é a data do decreto? Diacho, tem de pôr pingo nos is, para encher mais páginas!

— Diacho! — repetiu um dos copistas antes que Boucard, o escriturário principal, respondesse.

— O quê! O senhor escreveu diacho? — exclamou Godeschal, olhando para um dos novatos com um ar ao mesmo tempo severo e zombeteiro.

— Não é que escreveu? — disse Desroches, o quarto escriturário, inclinando-se sobre a cópia do seu vizinho. — Ele escreveu: *Tem de pôr pingo nos is e diaxo*, com xis.

Todos os presentes caíram na gargalhada.

— Como, senhor Huré, o senhor acha que *diacho* é um termo de direito? E ainda diz que é de Mortagne! — exclamou Simonnin.

— Apague isso bem apagado! — disse o escriturário principal. — Se o juiz encarregado de taxar a causa visse uma coisa dessas diria que estão de caçoada! Vocês causariam aborrecimentos ao senhor Derville. Vamos, não me faça mais esse tipo de besteira, senhor Huré. Um normando não deve escrever descuidadamente uma petição. É o apresentar armas dos homens de lei.

— *Promulgado em... em...* Quando foi mesmo, Boucard? — perguntou Godeschal.

— Junho de 1814 — respondeu o chefe dos escriturários sem parar seu trabalho.

Uma batida na porta do escritório interrompeu a frase da prolixa petição. Cinco escriturários dotados de belos dentes, olhos vivos e zombeteiros, bastos cabelos crespos, ergueram o nariz para a porta, depois de terem gritado todos com voz de cantor de igreja: “Entre!”. Boucard continuou com a cara enterrada num monte de autos, ditos “baboseiras” em estilo forense, e continuou a fazer a nota de despesas em que trabalhava.

O gabinete era uma grande sala decorada com a clássica estufa que guarnece todos os antros da chicana. Os tubos atravessavam diagonalmente o local até a chaminé de uma lareira condenada sobre cujo mármore viam-se diversos pedaços de pão, triângulos de queijo brie, costeletas frescas de porco, copos, garrafas e a xícara de chocolate do chefe dos escriturários. O cheiro desses comestíveis se amalgamava tão bem com o fedor da estufa desmesuradamente aquecida, com o aroma típico dos escritórios e do papelório, que o fedor de uma raposa teria passado despercebido. O assoalho já estava coberto da lama e da neve trazida pelos escriturários. Perto da janela ficava a escrivaninha de rolo do escriturário principal, à qual estava encostada a mesinha destinada ao segundo escriturário. O segundo escriturário estava em diligência no Palácio de Justiça. Talvez fossem oito ou nove da manhã. O escritório tinha como único ornamento aqueles grandes cartazes amarelos que anunciam arrestos de imóveis, vendas, leilões para a divisão de bens entre maiores e menores de idade, adjudicações definitivas ou preparatórias, a glória dos advogados! Atrás do chefe dos escriturários havia uma enorme estante que ocupava a parede de alto a baixo, cujos nichos estavam repletos de maços de que pendiam um número infinito de etiquetas e fios vermelhos, que dão uma fisionomia especial às pastas de processos. As fileiras inferiores da estante estavam cheias de caixas de papelão amareladas pelo uso, com bordas azuis, nas quais se liam os nomes dos grandes clientes

cujos casos apetitosos estavam sendo cozinhados naquele momento. Os vidros imundos da janela deixavam entrar um pouco de luz. Aliás, no mês de fevereiro, há em Paris pouquíssimos escritórios de advocacia onde se possa escrever antes das dez horas sem a ajuda de um lampião, porque todos eles são objeto de uma negligência bastante compreensível: todo mundo vai lá, ninguém fica, nenhum interesse pessoal se prende ao que é tão banal; nem o advogado, nem os litigantes, nem os escriturários se preocupam com a elegância de um lugar que para uns é uma sala, para outros uma passagem, para o jurista um laboratório. O mobiliário sebento é transmitido de advogado a advogado com um escrúpulo tão religioso que alguns escritórios ainda têm caixas de resíduos, agulhas para costurar pergaminhos, sacos provenientes dos procuradores do *Chlet*, abreviação da palavra CHÂTELET, jurisdição que representava na antiga ordem das coisas o Tribunal de Primeira Instância atual. Esse escritório escuro, empoeirado, tinha portanto, como todos os outros, algo de repulsivo para os litigantes e que fazia deles uma das mais horrorosas monstruosidades parisienses. Claro, se as sacristias úmidas onde as preces são pesadas e pagas como especiarias, se as lojas de roupas usadas nas quais flutuam farrapos que fazem fenecer todas as ilusões da vida mostrando-nos onde terminam nossas festas, se essas duas cloacas da poesia não existissem, um escritório de advocacia seria de todos os estabelecimentos sociais o mais horrível. Mas assim é com a casa de jogo, o tribunal, a casa lotérica e os lugares mal-afamados. Por quê? Talvez aí o drama, desenrolando-se na alma do homem, faça com que os acessórios lhe sejam indiferentes: o que também explicaria a simplicidade dos grandes pensadores e dos grandes ambiciosos.

- Onde está meu canivete?
- Estou fazendo meu repasto matinal!
- Vá plantar batatas!

— Psiu, senhores!

Essas diversas exclamações partiram ao mesmo tempo no momento em que o velho consulente fechou a porta com essa espécie de humildade que desnatura os movimentos do homem infeliz. O desconhecido tentou sorrir, mas os músculos do seu rosto se distenderam quando procurou em vão alguns sintomas de amenidade nos rostos inexoravelmente desinteressados dos seis escriturários. Acostumado sem dúvida a julgar os homens, ele se dirigiu polidamente ao pula-brejo, esperando que o judiado rapaz lhe respondesse com delicadeza.

— Posso ver seu patrão?

O malicioso pula-brejo respondeu ao pobre homem batendo repetidas vezes com os dedos da mão esquerda na orelha, como a dizer: “Sou surdo”.

— O que deseja, senhor? — perguntou Godeschal, que enquanto fazia essa indagação engolia um bocado de pão com o qual daria para carregar uma peça de artilharia de quatro libras, brandia sua faca e cruzava as pernas pondo à altura do olho o pé que estava no ar.

— Estou vindo aqui, senhor, pela quinta vez — respondeu o supliciado. — Gostaria de falar com o senhor Derville.

— Por uma causa?

— Sim, mas só posso explicar a ele...

— O senhor Derville está dormindo. Se o senhor desejar consultá-lo por alguma dificuldade, ele só trabalha seriamente à meia-noite. Mas, se quiser nos explicar a sua causa, poderíamos tão bem quanto ele...

O desconhecido permaneceu impassível. Pôs-se a olhar modestamente em torno como um cão que, insinuando-se numa cozinha estranha, teme apanhar. Por obra e graça do seu ofício, os escriturários nunca têm medo dos ladrões, por isso não desconfiaram do homem do capote e deixaram-no observar o local, onde procurava em vão um assento para descansar, porque estava visivelmente cansa-



do. Por sistema, os advogados deixam poucas cadeiras em seu escritório. O cliente comum, cansado de esperar em pé, vai embora, resmungando mas sem fazer que percam um tempo que, conforme dizia um velho causídico, não pode ser cobrado.

— Senhor — ele respondeu —, já tive a honra de lhe avisar que só podia explicar meu caso ao senhor Derville, vou esperar que acorde.

Boucard havia terminado sua adição. Sentiu o cheiro do seu chocolate, levantou da sua poltrona de vime, foi até a lareira, mediu o velho de alto a baixo, observou o capote e fez uma careta indescritível. Certamente pensou que, como quer que espremessem aquele cliente, seria impossível arrancar dele um só centavo; interveio então com uma fala breve, na intenção de livrar o escritório de uma causa ruim.

— É verdade o que eles dizem, senhor. O senhor Derville só trabalha de noite. Se o seu caso é grave, aconselho-o a voltar à uma da manhã.

O consulente olhou para o chefe dos escriturários com um ar estúpido e ficou imóvel por um momento. Acostumados a todas as mudanças de fisionomia e aos singulares caprichos produzidos pela indecisão ou pelo devaneio que caracteriza os litigantes, os escriturários continuaram a comer, fazendo com suas mandíbulas tanto barulho quanto devem fazer os cavalos no cocho, e não prestaram mais atenção no velhote.

— Senhor, virei esta noite — disse enfim o velho, que, por uma tenacidade típica dos infelizes, queria pegar a humanidade em flagrante delito.

O único sarcasmo permitido à Miséria é obrigar a Justiça e a Benevolência a recusar injustas. Quando convencem a Sociedade da mentira, os infelizes se lançam mais vivamente no seio de Deus.

— Que sujeito petulante! — fez Simonnin sem esperar o velho fechar a porta.

— Parece um desterrado — comentou o último escriturário.

— Deve ser algum coronel reclamando um atrasado — disse o chefe dos escriturários.

— Não, é um ex-porteiro — disse Godeschal.

— Aposto que é nobre — exclamou Boucard.

— Aposto que foi porteiro — replicou Godeschal. — Os porteiros são os únicos dotados pela natureza de redingotes gastos, engordurados e com a bainha desfiada como a desse velhote. Vocês não viram suas botas furadas que deixam a água passar, e a gravata que lhe serve de camisa? Ele dormiu debaixo da ponte.

— Poderia ser nobre e ter sido porteiro — exclamou Desroches. — Acontece.

— Não — retrucou Boucard em meio às risadas. — Garanto que foi cervejeiro em 1789 e coronel na República.

— Pois eu aposto um espetáculo para todo mundo que ele não foi militar — disse Godeschal.

— Combinado — respondeu Boucard.

— Senhor! Senhor! — gritou o pula-brejo abrindo a janela.

— O que você está fazendo, Simonnin? — perguntou Boucard.

— Chamando-o para perguntar se é coronel ou porteiro, ele, sim, deve saber.

Todos os escriturários caíram na gargalhada. Quanto ao velhote, já subia a escada.

— O que vamos lhe dizer? — indagou Godeschal.

— Deixe comigo — respondeu Boucard.

O pobre homem entrou timidamente baixando os olhos, talvez para não revelar sua fome ao olhar com demasiada avidez para os comestíveis.

— Senhor — disse-lhe Boucard —, poderia fazer o obséquio de nos dizer seu nome, para que o senhor Derville saiba se...

— Chabert.